3 1761 06974602 2

A. d'O. Cardoso Fonseca

FLORES SINGELAS

POESIAS

PQ
9261
O6F6

Digitized by the Internet Archive
in 2010 with funding from
University of Toronto

http://www.archive.org/details/floressingelaspo00oliv

FLORES SINGELAS

A. d'O. Cardoso Fonseca

FLORES SINGELAS

POESIAS

LISBOA
TYPOGRAPHIA CASTRO IRMÃO
31 Rua da Cruz de Pau 33
1884

PQ
9261
O6F6

DEDICATORIA

A vós, caras filhinhas, que tão cedo,
Ao despontar da vida,
Perdestes o carinho doce e ledo
Da vossa mãe querida:

A vós, entes amados da minha alma,
Que, em sincera alegria,
No meu calix de dôr lançais a calma
Que o soffrer me allivia:

A vós, minhas filhinhas, estas flores
Eu dedico singelas.
São tristes, bem o sei: tem fracas cores;
Mas heis de gostar d'ellas.

1884.

SONETOS

I

DEUS

A flor viçosa, que no campo cresce,
Doce perfume pelo ar espargindo:
Que no raiar da aurora está sorrindo,
E ao chegar do crepusculo murchesse;

A avezinha, que seu ninho tece
De frouxos musgos, um por um unindo:
E que, sem ter o seu trabalho findo,
Afanosa lidando não esmorece;

As arvores do bosque tão frondosas;
Milhões de estrellas a brilhar nos céos;
Os largos rios de aguas caudalosas;

O mar enfurecido em escarcéos;
Immensos lagos de aguas descuidosas;
A creatura, emfim... nos mostram Deus!

1873.

II

O MUNDO

Este mundo que é? É um mysterio;
Um centro de illusões e desenganos.
O homem nasce, cresce e passa os annos
Rindo e chorando n'um viver aereo.

Sem que possa tomar o mundo a serio,
Em trabalhos a vida gasta insanos,
Involto sempre em mysticos arcanos,
Até que cança e cae no cemiterio.

Ahi... tudo termina. A sepultura
Dá-lhe o descanço que não teve em vida,
Despida de prazer, cheia de agrura.

E, n'essa derradeira despedida
Que faz ao mundo, troca a desventura
Pela paz do sepulchro indefinida!

1882.

III

A TEMPESTADE

Das ondas o bramir, e o sibilar
Do rigido Aquilão causam terror,
E parece que quer o Creador
O mundo n'este instante aniquilar.

Emmaranhado vejo abrir-se o mar
E debater-se com atroz furor:
E as alterosas vagas com tremor
Estão meu batel fragil a açoutar.

A vida, me parece, vae fugir;
E ao nada tornar todo o meu sêr,
Quando ao profundo pelago cair!

Mas... alegrar-se o céo começo a ver
E socegar das ondas o fremir!
Deus! Deus meu! Quanto é grande o teu poder!...

1873.

IV

A MINHA FILHA M.

NO SEU ANNIVERSARIO NATALICIO

Seis annos fazes hoje, oh filha minha:
E não sabes, feliz, o que é soffrer.
P'ra ti são tudo flores: teu viver
Alegre e livre como o da andorinha.

Com baunilha, jasmim e uma rosinha
Singelo ramo vou entretecer,
P'ra n'este fausto dia, te offerecer
Do teu anniversario, innocentinha.

A minha fraca voz elevo a Deus...
E, em quanto o sêr me não ceifar a morte,
Incessante farei os rogos meus,

P'ra que um astro brilhante, em claro norte,
Na vida sempre guie os passos teus;
E que avessa jámais te seja a sorte!...

Pará, 1873.

V

UM SONHO

Nutrindo n'alma doce esperança, um dia
Na rede me deitei muito animado.
Adormeci... em sonho assás dourado,
O auge da fortuna eu attingia.

O meu pobre aposento, onde vivia,
Parecia-me quarto bem ornado,
E magestoso leito esculpturado,
A ordinaria rede em que dormia!

Creados de libré, rica, bordada
Com ouro e pedrarias. Que belleza!...
Suppuz-me no palacio d'uma fada!

Era tudo opulencia, só riquèza!
De repente... acordei—oh! patacoada!—
O meu quarto era o quadro da pobreza!

1873.

VI

NO CEMITERIO

Amigo meu, a quem o marmor duro
Encobre n'essa sepulchral morada,
Recebe uma saudade que te é dada
Pelo constante teu amigo puro.

A vida te ceifou, bem prematuro,
Da parca o golpe! Tu volveste ao nada,
Quando a esperança sorrindo-te dourada
Te mostrava brilhante o teu futuro!

Repousa, amigo, em teu eterno leito;
Entretanto, no mundo, eu já sem crença
E a tragar da desdita a taça affeito,

A vida arrostarei 'té que a sentença
Me condemne tambem, e em espaço estreito
Do quanto soffro logre a recompensa.

1873.

VII

NO PENEDO DA SAUDADE

Aprazivel logar, cheio de encanto,
D'onde a vista se espraia, declinando
No monte o alto cedro venerando,
No vergel flores, que lhe tecem manto.

Agradavel soidão: quero-te tanto,
Que quando o coração sinto offegando
Da dôr oppresso, que me vae ralando,
Aqui procuro alliviar meu pranto.

Já o amante de Ignez, ao soffrimento
Lenitivo alcançar jámais podendo,
Aqui lamentar vinha seu tormento:

E, da infeliz mesquinha as cartas lendo,
Em ti depositou do sentimento
As lagrimas, que triste ia vertendo.

1873.

VIII

ESQUECE-TE...

Se palpitar sentires ainda o peito
Com esse amor que me tiveste, q'rida:
E te lembras do—adeus—que, em despedida,
Nós murmurámos em abraço estreito...

Se o coração, que a amar-me foi affeito
Ainda bate por mim cheio de vida,
Consagra-me uma lagrima sentida,
Que só a ti no mundo rendo preito.

Mas, se o adeus saudoso é já esquecido,
E por mim te não pulsa o coração
No peito que de amor fôra rendido,

Não me consagres lagrimas... oh! não...
Antes sepulta n'um profundo olvido
O nosso antigo amor... essa illusão!...

1873.

IX

POBRE VICTIMA...

Essa pobre mulher, que descorada,
Triste vês procurar ermo logar,
Uma victima foi do lupanar,
No qual se despenhou a malfadada.

Seus passos vacillantes; descarnada
A face outr'ora bella; em seu olhar
Não existe um sorriso; e só pesar
Apresenta no rosto a desgraçada!

Já não tem um parente, um peito amigo
Que doído da triste sem ventura,
Lhe dê consolação, lhe dê abrigo.

Enferma, pobre, desprezada, impura,
Chorando dia e noite a sós comsigo,
Talvez nem ache paz na sepultura!...

1874.

X

A M. G.

Cessem pandilhas, cessem proletarios,
Que não lhes quero mais ouvir lamurias,
Constantes lamentando só penurias
Após disparatados corolarios.

Calem-se todos: pois dos campanarios
Da miseria retumbam taes injurias,
Capazes de espantar as proprias furias,
Se furias ser pudessem belisarios.

Calem-se todos: que de mais miserias,
Em mil lamentações extraordinarias,
Se lastima o ratão Gaspar das lerias.

Esse typo de eternas luminarias,
Á falta, se entretem de cousas serias,
Em ridiculas contas monetarias.

Figueira da Foz, 1882

XI

A G.

NO SEU 78.º ANNIVERSARIO NATALICIO

De funestos escolhos matizado
É o mundo oceano enfurecido,
Onde, á mercê das vagas embalado,
O homem voga qual baixel perdido.

Ha na vida um recife alcantilado,
Difficil de transpor, assás temido:
—A senectude,—venerando estado,
Aonde o homem chega encanecido.

Assim como os navios a passagem
Do cabo Adamastor horrendo e feio,
Festejavam ao som da artilheria:

Tambem vós, ancião, feliz viagem
De annos setenta com mais oito em cheio,
Deveis solemnisar com alegria.

1882.

XII

A MINHA FILHA J.

NO SEU ANNIVERSARIO NATALICIO

Apesar de enfadado de soffrer
Os teimosos encontros do azar;
E de forças não ter para cantar,
—Que torturado vivo de gemer—;

Jubiloso me sinto por te ver
Teus oito annos risonha completar:
E ergo a debil voz a celebrar
Os teus annos, filhinha, com prazer.

Que por ti vele sempre a Providencia,
Compensando as desgraças que me deu
Largamente a fortuna, sem clemencia:

É sincero, e ardente voto meu!...
Adora a Deus, meu anjo d'innocencia:
E só d'elle confia o porvir teu!

1882.

XIII

MERTOLA

Sobre duros penhascos denegridos,
Entre pobres ruinas construida,
Surge Mertola, triste, envelhecida,
Antigo alcacer de homens aguerridos.

Os muros a dominam carcomidos,
De velha fortaleza, revestida
D'uma grossa muralha e combatida
Por ataques do tempo repetidos.

Banham-lhe os pés as aguas impetuosas
Do longo rio que, da Mancha oriundo,
Se espreguiça entre serras escabrosas:

E que ás vezes, tornado furibundo,
Lança na villa as aguas caudalosas,
Em exterminio egual ao fim do mundo!

1883.

XIV

A ESPERANÇA

Não arrostara o nauta o mar irado,
Se alentado não fôra pela esp'rança:
E só a ella deve a confiança,
Com que afoito na lide entra, o soldado.

Esse que, o berço seu deixando amado,
Do oceano para além timido avança,
N'ella vai embalado a ver se alcança
Realisar seu sonho mais dourado.

Esperança: tu és pharol brilhante,
Cuja limpida luz os passos guia
Ao mortal infeliz, no mundo errante.

Os teus raios diffunde e me alumia
Com essa luz tão fulgida e constante,
E meu soffrer transforma em alegria!

1872.

XV

CREIO...

Passar a vida cheia de amargores;
De desgostos repleto o coração;
Sem um momento ter satisfação;
Pelas horas contando os dissabores;

Esperanças perder, e só horrores
Supportar em cruel peregrinação;
Desenganos; descrença; maldição;
—Eis meu triste *bouquet* de negras flores!—

Mas que digo? No mundo acaba tudo:
O soffrer; o gozar; o proprio fado.
Só não finda a eterna omnipotencia.

Se por soffrer da sorte o choque rudo,
Eu dos homens descri, desesperado!...
Oh! jámais descrerei da Providencia!...

1882.

XVI

O «DOURO» E O «IRURAC-BAC»

ABALROAMENTO NO CABO FINISTERRA NO 1.º DE ABRIL DE 1882

No silencio da noute, interrompido
Pelo rumor das vagas buliçosas,
Por sobre as salsas aguas assustosas
Dous barcos abalroam com estampido.

É horrivel o choque então sentido;
As supplicas não valem anciosas,
E nas aguas, ha pouco bonançosas,
É um e outro logo submergido!

Em transe tão p'rigoso quão terrivel,
E sem da propria vida se importar
Para a d'outros salvar..., vê-se impassivel

O commandante inglez, o heroe do mar,
Que os passageiros salva á morte horrivel,
Deixando-se nas aguas sepultar!...

1882.

XVII

QUE SONHO!

Ainda creança (lembro-o com saudade)
Em sonhos julguei ver formosa fada;
Seductora, de joias mil ornada;
Seu nome encantador... Felicidade!...

Aproxima-se a mim e com bondade
A branca mão me estende delicada:
Entre as minhas a tomo... ella apressada
Desapparece... eu fico na anciedade.

Acordei! Despertado, julguei vel-a,
Mas já longe... e comtudo refulgia
Como se fôra a mais brilhante estrella.

Muitos annos corri de noute e dia,
Constantemente andando por colhel-a;
Mas quanto eu avançava, ella fugia!

1882.

XVIII

O DESTINO

Após longo soffrer de largos mezes
Entre esperança e miseria consumidos,
Na solidão me vejo, entre gemidos,
Lamentando debalde os meus revezes.

A alegria fugiu, que tive ás vezes
Em momentos da sorte protegidos;
E meus labios a taça enfraquecidos
Esgotaram do azar até ás fezes.

A esperança, tambem, na qual outr'ora
Lenitivo senti... ai! sem piedade
Isolado me deixa, e diz! «Agora...

«Não procures em vão felicidade:
«Pois, trabalhes tu sem cessar embora,
«Póde mais o destino que a vontade!»

1882.

XIX

A POLITICA

A passos lentos, côxa, macilenta,
Por entre a sociedade, envergonhada,
Em safados andrajos enroupada,
Segue pobre velhota rabugenta.

Falla; grita; tristonha se lamenta
Das vaias que lhe atira a turba irada;
Promette fazer muito; não faz nada,
Que nada fazer póde a lazeirenta.

De ter gritado muito está já rouca,
E de ouvidos prestar á mordaz critica,
Ai! a misera está de todo mouca.

Cautelosos fugi d'essa rachitica:
E se quereis saber quem é a louca,
Baixinho vos respondo:—é a politica.

1 de setembro 1883.

XX

A SOBERBA

Altiva sempre; parca no fallar;
Com rigoroso luxo no vestir;
Difficil se mostrando no sorrir;
Aspecto, poucas vezes, de agradar;

Idosa, alta, grave no andar;
Talvez incomprehensivel no sentir;
No seu rosto deixando transluzir
O presumido modo de pensar;

Eis a fatua soberba, que, esquecida
Do miserrimo fim da humanidade
Quando sua missão tem já cumprida,

O preceito esqueceu da Divindade,
Mostrando-se afinal arrependida
Ao cruzar os humbraes da eternidade!

1883.

XXI

EM VIAGEM

Ai! Maria formosa! No momento
Em que prestes estou a naufragar...
N'esta hora fatal do passamento
Ainda o peito por ti sinto pulsar!

O salgado, irascivel elemento
Bem de pressa me vai feroz tragar;
E do somno lethal no esquecimento
Meu terno coração vai descançar.

Se um dia te constar, mulher amada,
Que por tumulo tive o mar profundo,
E por lapide o amplo firmamento,

Bastará que á memoria desgraçada
Do triste amante que deixou o mundo
Uma lagrima dês de sentimento!...

1861.

XXII

NO FIM DA VIAGEM

Eis que, depois de prospera viagem,
Em mar de rosas sempre navegando,
Começo ao longe a terra lobrigando,
Que do Amazonas fórma a dextra margem.

Triumphante e alegre a marinhagem,
Hymnos de graça ao alto Deus cantando,
Vai amarras e ferros preparando
Para fazer no porto a ancoragem.

Surge, emfim, o Pará pouco distante,
E de alegria todos erguem brados.
Trabalha o bolinete e o cabrestante,

E os pannos n'um momento são caçados.
«Lança ferros» exclama o commandante.
Os ferros descem... eis-nos fundeados.

1873.

ODES

I

MÃE...

Fruindo, no berço, da mãe as caricias,
Alegres vivemos por ella embalados:
São tudo sorrisos; n'um mar de delicias
Choramos e rimos, felizes, amados.

Apoz esse gozo de doce innocencia,
Ligeiros, correndo, se passam os annos:
Sentimos então uma nova existencia,
E n'ella soffremos crueis desenganos.

A mãe, que nos dava na infancia carinho,
De forças exhausta, se fina... coitada!...
E brota no peito do orphão mesquinho
Terrivel angustia, jámais olvidada.

Que triste lembrança de eterna saudade
Não sente por ella, que amparo lhe deu?!
Chorando, recorda tão sancta amizade,
Que, ainda creança, para sempre perdeu.

E, quando no mundo revezes penando,
Já quasi cançado, começa a descrer...
Se invoca o nome da mãe venerando,
Esp'rança mais firme lhe vem reviver!!

1882.

II

A MARIPOSA

Alegre esvoaçando a mariposa,
Em constante delirio,
Volteja no jardim: oscula a rosa
E vai pousar no lirio.

O zephiro bafeja; e de prazer
O insecto extremece,
De sobre o lirio vôa e vai morrer
Na chamma que apetece.

1883.

III

M . . .

Ao contemplar o rosto teu sympathico,
Adoro-te mulher:
E, em extasis profundo, fico estatico
Sem poder-te esquecer.

Quando mais tarde, n'um sorrir symbolico,
Te vejo enrubecer,
Ai! Um delirio sinto melancolico
De indelevel prazer!

1883.

IV

A . . .

(EPIGRAMMA)

Uma velha, dos annos assolada,
Que completos inculca ter setenta;
Desdentada, careca e macilenta;
Babosa um pouco; a barba arrebitada;

Olhos rubros; a face descarnada;
Teimosa, falladora, rabugenta;
O nariz aquilino, hirsuta a venta:
Eis o typo de furia endiabrada.

1882.

V

A...

Dize donzella: que sentes?
Dá-me um sorriso... não chores!...
Que valem prantos, se ardentes
As magoas são? Não descores!
De tuas faces fulgentes
Vejo sumirem-se as côres...
Qual rosa branca singela
Pallida estás, ó donzella.

Já sei... dedicaste amor,
Recebeste ingratidão;
Prantos e pungente dor
Consomem teu coração;
Qual no jardim tenra flor
Se esfolha com o tufão,
Quando—infeliz!—te rendeste,
Cega de amor te perdeste!

1864.

VI

UM ANJO

Á MEMORIA DA MENINA M.

Sympathica menina que, tão bella,
Dos extremosos paes eras encanto,
Da innocencia o dom gosando sancto,
Com que se adorna a candida donzella:

Já que cedo soltaste o vôo teu
E deixaste teus paes, cá n'este mundo,
Inconsolaveis com pesar profundo:
A Deus ora por elles lá no céo!

Foste feliz, oh anjo! Como tal
Ao empyreo voaste, inda innocente.
Foste feliz. Oh! Bem fadado ente,
Que do mundo escapaste ao vendaval!

1873.

VII

A X...

Quarenta annos que são?—A mocidade,
Se a sorte nos bafeja afortunada.
Mas, passando-se vida atribulada,
Não são quarenta... são a eternidade.

1882.

VIII

NO BOSQUE

Sorri, Dryades bellas; a floresta
De galas se nos mostra revestida.
As aves cantam em alegre festa;
Sente-se remoçar aqui a vida.

1882.

IX

A PASTORA

(DIALOGO)

—Em que pensas tricaninha,
Bella Marcia: ahi sentada?
—Pois não vê que estou fiando
P'ra ganhar a consoada?!

—Sim: é verdade, bem vejo:
Mas quizera me dissesses
(Prometto guardar segredo)
Se já de amores padeces.

— Essa é boa! Querem ver
Um curioso atrevido!
Convidar-me p'ra dizer-lhe
O que tenho no sentido!

— Ó magana, já que Deus
Tão lindos olhos te deu,
Fita-os em mim um instante,
Singela filha do céo.

N'um sorriso teu quizera
Poder decifrar amor.
Desejára de teus labios
Sentir nos meus o calor...

— Vá-se, meu senhor: adeus!
Deixe a pastora fiar.
Não perca tempo comigo,
Que não 'stou p'ra conversar.

— Ó mais linda, entre as bellezas
Das obras do Creador:
Assim desprezas quem já
Sente por ti vivo amor?

—Vou recolher o meu gado,
Que a roca está-se a espiar;
Pouco me importa de amores:
N'elles não ha que fiar.

—Ai! pastora: assim me deixas?
Não tens dó de meu penar?
Adeus!...
—Adeus, meu senhor,
Vá com outra conversar.

1873.

X

AI!...

No recinto, onde o amor
Unira dous corações,
Entrou a morte... que horror!
Que negras recordações!
De aspecto desagradavel,
Entrou feroz, implacavel:
E, ferindo sem piedade,
A esposa me arrebatou
E triste só me deixou
Para viver de saudade.

1880.

XI

DESALENTO

Dias da minha juventude, adeus!
Adeus momentos de alegria pura,
Quando da bella Arima, em braços meus,
Sorrindo contemplava a formosura!

D'esses instantes que, em feliz edade,
Passados foram, ai! de amor fallando,
A lembrança me resta!... Com saudade
Os vou constantemente recordando.

Os seus brilhantes olhos, e tão bellos,
Que sempre para mim sorrir eu via;
Ondeada madeixa de cabellos,
Que pelos brancos hombros lhe descia;

As suas faces pallidas, mimosas,
Da camelia gentil tendo a belleza;
Os labios que, imitando a côr das rosas,
Como o niveo jasmim tinham pureza;

Essa mulher, que palpitar sentiu
Por mim de amor o seio; e em laço estreito
O fiel coração ao meu uniu,
Realisando os sonhos de meu peito;

Ai! Quão breve morreu!... Um vacuo immenso
Meu pobre coração afflicto sente!
Já, do futuro pelo véo tam denso,
Esperança não vejo que me alente!

1873.

XII

NA AUSENCIA

Que importa pensar ás vezes
Que este meu mal terá fim,
Se só penas e revezes
Eu na vida encontro? Sim?!
De que vale a Providencia
Invocar com insistencia,
N'este viver de inclemencia,
N'este martyrio sem fim?

Eu que fui, sempre infeliz,
Por negra sorte açoutado,
Serei ainda feliz?
Findará meu triste fado?
Cançado estou de luctar
Sem ver o porvir brilhar,
Nem uma esp'rança raiar
N'este viver desesp'rado.

Vou tornar á patria cara,
E da familia no seio
Lamentar a sorte amara,
Onde só desgraças leio!
Quero lá, no solo amado,
Supportar meu triste fado.
Ao menos... terei ao lado
A familia porque anceio.

1873.

XIII

VAI CARTA...

Vai carta, por mim escripta,
Em suas mãos repousar;
Não contes minha desdita
Para não a torturar.
Dize só: que angustiado,
Pela saudade ralado,
N'ella pensando, isolado,
A vida passo a chorar.

Vai carta, que a ti juntei
Meus labios escandecidos:
E muitos beijos te dei,
Soltando tristes gemidos.
Sim: beijei... e ao desfechar-te
Ella ha de tambem beijar-te
E a seu seio apertar-te,
Vertendo prantos sentidos!

Pará, 1873.

XIV

NÃO TE ESQUEÇAS...

Quando passar no jardim
Hei de uma flor apanhar:
Uma rosa ou um jasmim,
Marcia: para te offertar.

Se não aceitas a rosa,
Se tens dos espinhos medo,
Dar-te-hei, Marcia formosa,
Um jasmim... mas em segredo.

Em segredo, p'ra que a rosa
Bella, rainha das flores,
Triste não sinta, anciosa,
De despeito os dissabores.

Esse jasmim, flor singela,
Que symbolisa candura;
Sobre teu peito, donzella,
É prenuncio d'alma pura.

Recebe, pois, em teu seio
A pobre flor — o jasmim —;
Eu, por troca, só anceio
Que não te esqueças de mim!

1878.

XV

O ROUXINOL E A ROLA

De dentro d'uma silveira,
N'uma tarde ao pôr do sol
Trinava lindos gorgeios,
Alegres, o rouxinol.

Defronte, em alto pinheiro,
N'um ramo já desfolhado,
Soltava a terna rolinha
O canto seu magoado.

Então, diz-lhe o rouxinol:
—Irmã: não tens alegria?
Ouço-te sempre gemer,
Seja de noute ou de dia! —

—Não, lhe tornou a rolinha:
Vivo triste; bem o vês,
Tu cantas os teus amores,
Eu choro a minha viuvez.

A ti não falta alegria,
Sorris nos gorgeios teus,
A mim sobejam pesares,
São tristes os cantos meus.

Se te rouba a morte a esposa,
Dura-te o luto dous dias;
E logo novos amores
Festejas com melodias.

Mas eu que perdi o esposo,
Que amava com affeição,
Nunca mais serei alegre;
Não finda minha paixão.»

Escutou a philomela,
E retorquiu com brandura:
—Eu symboliso inconstancia:
Tu... symbolisas candura.

1882.

XVI

O BOI, O CAVALLO E O BURRO

(DE FLORIAN)

O boi, o asno e o cavallo
Disputavam á porfia,
A qual dos tres de justiça,
Presidencia pertencia.

O boi com certa modestia,
Seus ares de mansidão,
Allegava seus serviços
Sua força e sujeição.

O cavallo, mais altivo,
Invocava seu valor,
Os seus nobres exercicios
D'invencivel corredor.

O burro, humilde, coitado,
Fallando com anciedade,
Mui respeitoso lembrou
A sua utilidade.

Mas, vista a falta d'accordo
P'ra resolver este pleito,
Deliberou o cavallo:
Que devia ser sujeito

Á decisão de peritos,
Entre os homens escolhidos,
Dizendo bastavam tres
Homens serios, instruidos.

E que, assim, a presidencia
A final recahiria
N'aquelle em quem os peritos
Votassem por maioria.

Escolheram um normando,
Um muleiro e um lavrador,
Resolvendo que do pleito
Fosse o boi o relator.

Este fez seu relatorio
Com todo o discernimento,
Pedindo aos arbitros dessem
Imparcial julgamento.

Toma a palavra o normando,
Cigano de profissão,
E vota pelo cavallo,
Bicho da sua affeição.

—Não, camarada, lhe diz
O moleiro: a consciencia
Geme, se não arbitramos
Ao jumento a presidencia.

—Isso não, disse o terceiro,
Da freguezia abegão:
Ao boi assiste o direito;
Devemos dar-lhe a eleição.

—O que?! exclama o corcel,
De raiva escumando irado:
O vosso injusto juizo
É no interesse firmado.

—Aprendam,—volve o cigano:
P'ra decidir qualquer pleito
É sempre a lei principal,
Julgar em nosso proveito.

1882.

XVII

A AUSENCIA

Longe estou da esposa amada,
Longe da filha innocente.
Saudades minha alma sente
N'esta ausencia prolongada.

Davas-me, esposa, carinhos;
Nossa filhinha sorria.
Hoje, em logar de alegria,
Do pesar sinto os espinhos.

1866.

XVIII

YRÉNE

Foi lá na praia, que te vi formosa,
Airosa, alegre, passear donzella;
Foi lá no banho, que te vi gentil,
Subtil banhar a tua fronte bella.

Ai! Quiz fallar-te: mas não foi possivel.
Que horrivel dor, a que senti então!
Desceste a praia..., tu p'ra mim olhaste,
Passaste longe..., suspirei em vão!

1882.

XIX

A M. M.

Contemplando a soberba formosura,
Em que de Venus és bella rival;
Admirando do collo essa brancura,
Ao finissimo jaspe em cor igual;

Olhando essas madeixas de cabellos,
Que cahem pelos teus hombros nevados;
Os teus olhos fitando, que, tão bellos,
Não podem ser por outros deslumbrados;

A tua voz ouvindo, docemente
Brotar d'esses teus labios de coral;
Em meu peito por ti, mulher formosa,
Impulsos sinto d'um amor leal.

1882.

XX

O MEU VIVER EM MERTOLA

N'estes tijolos malditos,
Onde, tremendo com frio,
Ando passos infinitos
N'um constante corrupio;
Julgo ver o pavimento
D'um calabouço nojento,
No qual em longo tormento
Passasse os dias sombrio.

N'estes tectos já idosos,
Que o caruncho furou cedo;
N'estes quartos tenebrosos,
Em que de entrar tenho medo;
Vejo um antro formidavel:
Que do inferno insupportavel
Horroroso, abominavel,
É um perfeito arremedo!

Não posso em tal casa estar.
Tenho-lhe tal aversão,
Que saio p'ra procurar,
Passeando, distracção!
Mas, nas ruas empinadas,
N'essas malditas calçadas,
Farto sou de dar topadas,
Sem cessar, n'um trambolhão.

De cada passo que dou...
Oh! Que agudissimas dores!
Sou um martyr! Oh! Se sou?!..
Passo inclemencias, horrores;
Porque meus callos—coitados!—
São das pedras torturados,
Perseguidos, maltractados,
Com desesp'rados furores!

1883.

XXI

AO MEU AMIGO J. S. CANTANTE

Com mil demonios! Em casa,
Sem sahir, constantemente!...
Esse teu viver arrasa
O mais athletico ente.
Com essa tua mania
Perdes, de dia para dia,
A tua antiga energia
E de certo caes doente.

Olha que dás em fanatico,
N'esse viver de gaiola.
Não sejas tão sorumbatico:
Tracta de arejar a bola;
Volve á vida de estudante:
De contrario, n'um instante,
Deixarás de ser Cantante,
Ficarás sendo — pachola —.

Fica, embora, entrincheirado
Junto dos caros penates
Contra o inverno enraivado;
Que eu, cá por mim, faço cruzes,
E não heide tal fazer,
Pois, em quanto não morrer,
Hei de as canelas mecher,
Como a nora os alcatruzes.

Janeiro de 1883.

XXII

TU... EU...

Tu és a estrella radiante e linda,
Que em noute amena lá no ceo fulgura:
Tu és a aurora, que illumina o dia
Apoz as trevas d'uma noute escura.

Tu és a ave que, soltando o vôo,
A terra troca por um mundo aereo;
Tu és o anjo que, do céo baixando,
Ao mundo trazes regosijo ethereo.

Tu és a rosa, que embalsama o prado
De doce aroma em perfumado ambiente;
Tu és a onda fugitiva, bella,
Que beija a praia tão suavemente.

Eu sou o pobre, que um fatal destino
Lançou no leito d'uma dor cruciante;
Eu... sou o triste do gemer cançado,
Sempre agitado n'esta vida errante.

Eu sou o martyr, que, sem ter descanço,
A vida hei gasto n'um soffrer tremendo.
Victima fui de impertinente azar:
Nasci chorando, e viverei gemendo.

1882.

XXIII

RECORDAÇÕES DE MERTOLA

Mertola, terra fatal,
Do Guadiana murcha flor:
Venho dar-te o mais leal
Tributo do meu rancor.
Engeita-o tu; que m'importa?
Esta aversão não aborta,
Que comecei de votar-te;
Pois minha alma, atribulada
Do que em ti soffreu—coitada!..—
Apenas póde odiar-te.

Das violentas sensações,
Que ahi, constante, passei;
D'esses fortes trambolhões,
Que da sorte ahi levei;
Das longas noutes d'inverno,
Que supportei n'esse inferno;
Saudades não tenho: não!
Só me lembro, enraivecido,
D'esse tempo ahi perdido
N'um viver de solidão.

Dás, por vitela, chibato;
Dás, por vacca, ovelha dura;
Dás, por lebre, magro gato;
Dás, por azeite, gordura;
Dás, por vinho, má zurrapa;
Dás, por agua, uma garapa;
Dás, por gelados, gaspacho;
Dás, por pescada, picão;
Dás, de rala, um negro pão;
Dás pedras; dás o diacho.

Tubaras dás, por batata;
Dás agua-mel, p'ra refresco;
Dás, de verão, calor que mata;
D'inverno dás tempo fresco;
Dás, por arvores, penedos;

Dás, por hortas, vis fraguedos;
Dás, por fortuna, desdita;
Dás tudo que é detestavel;
És feia, és miseravel,
Terra mil vezes maldita!

Dás, por salmão, muge mau;
Dás, por dinheiro, cantigas;
Dás, por atum, carapau;
Dás, por arroz, umas migas;
Dás, por casas, pardieiros;
Dás, por calçadas, chiqueiros;
Dás, tudo quanto é maldito;
Dás, de verão, muitas sezões;
De inverno constipações;
És má terra: e tenho dito.

Eu sinto um tal phrenesi,
Quando, em horas-de repouso,
Lembro quanto ahi soffri;
Que fico fulo e raivoso,
Perco mesmo as estribeiras
E (deixemos-nos de asneiras)
Até me doe a barriga.
Persigno-me e te esconjuro!
Faço-te cruzes e juro:
Fazer-te sempre uma figa.

1884.

XXIV

Á MEMORIA DE MEU PAE

Tu, que em vida me foste asylo estavel
Á minha attribulada mocidade;
Que cahiste no somno interminavel
Da lugubre mansão da eternidade;

Que descanças na paz imperturbavel,
Que no tumulo espera a humanidade:
Aceita do teu filho inconsolavel
Sempre os suspiros de intima saudade.

1884.

NOTAS

Pag. 32

Alludo á cheia de 1876. Em dezembro d'esse anno o Guadiana cresceu a tal altura, que as aguas, subindo do seu nivel, aproximadamente 50 metros, invadiram as principaes ruas da villa, demoliram muitas casas, e chegaram a cobrir as janellas do edificio do tribunal, em cuja parede foi posteriormente collocada uma lapide commemorativa. Os habitantes viram-se obrigados a retirar de suas casas com todos os seus haveres para os pontos mais elevados da serra.

Pag. 94, 95 e 96

Gaspacho é uma iguaria muito apreciada pelos Mirtilienses. É composta de agua fria, azeite, vinagre, sal, pimenta, pão ralado, tomates e pequenas talhadas de pepino. Mistura-se tudo e serve-se frio.

Picão, peixe do Guadiana.

Tubara é uma substancia vegetal que nasce debaixo da terra, e que usam em logar de batatas.

Agua mel, bebida ali muito usada, e que, como o nome indica, é formada de mel e agua.

Dás por arvores, penedos;
Dás por hortas, vis fraguedos:

Em Mertola são rarissimas as arvores e hortas. Em compensação abundam os penedos e fragas.

Muge, peixe do Guadiana.

INDICE

PAG.

Dedicatoria..... 5

SONETOS

Deus..... 8
O mundo..... 10
A tempestade..... 12
A minha filha M. 14
Um sonho..... 16
No cemiterio..... 18
No penedo da saudade..... 20
Esquece-te... 22
Pobre victima... 24
A M. G..... 26
A G. 28
A minha filha J. 30
Mertola..... 32
A esperança..... 34
Creio... 36
«O Douro» e o «Irurac-bac»..... 38
Que sonho! 40
O destino..... 42
A politica 44
A soberba..... 46
Em viagem..... 48
No fim da viagem..... 50

ODES

PAG.

Mãe..... 54
A mariposa..... 56
M... 57
A... 58
A... 59
Um anjo..... 61
A X..... 63
No bosque..... 64
A pastora..... 65
Ai!... 68
Desalento..... 69
Na ausencia..... 71
Vai carta... 73
Não te esqueças..... 75
O ronxinol e a rola..... 77
O boi, o cavallo e o burro..... 80
A ausencia..... 84
Yréne..... 85
A M. M. 86
O meu viver em Mertola..... 88
Ao meu amigo J. S. Cantante..... 90
Tu... eu... 92
Recordação de Mertola..... 94
Á memoria de meu pae..... 97
Notas..... 99

PQ
9261
O6F6

Oliveira Cardoso Fonseca,
Augusto d'
Flores singelas

PLEASE DO NOT REMOVE
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY

UTL AT DOWNSVIEW
D RANGE BAY SHLF POS ITEM C
39 10 04 02 05 007 7